

Voz da **CONSCIÊNCIA**

Por Fernando Ben



Voz da Consciência

por *Fernando Ben*

Rio de Janeiro/RJ – 2022

IEFF

CATALOGAÇÃO PREPARADA NA
PRÓPRIA EDITORA

Ben, Fernando

Voz da Consciência | Fernando Ben

Rio de Janeiro, RJ: IEFF, 2022, 55 páginas;
14x21 cm

978-65-85015-02-8 by IEFF

Título: Voz da Consciência – Novembro de
2022. Publicado no Brasil Published in Brazil

Transcrição dos áudios: Cristina Leonardo

Correção ortográfica: Rosana Andrade

Arte da capa: Andrea Modesto

Miolo e edição: Adriana Monteiro

**Essa obra é resultado da live que ocorreu dia
21/08/2022, pelo Meet**

Tema: Voz da Consciência

Cristina – Bom dia a todos, boa tarde para quem é boa tarde!

Obrigada pela vossa presença. Hoje o nosso querido Fernando Ben, fundador da filosofia de Fátima, vai dar uma palestra sobre voz da consciência ou cumprimento do dever. Vai dar início a mais esta palestra.

Ah, só lembrar que está a ser gravada esta palestra pública, meus amores.

Fernando – Obrigado. Olha gente, estou com saudade de vocês acho que a pandemia trouxe, além de todas os males e dificuldades, essa distância que para mim foi bem difícil, porque ficar distante de não poder viajar, ter contato com todos. Eu estou com saudade, mas estou feliz que a gente possa se encontrar vez por outra. Saudade de todos vocês. Todos do Brasil e de fora.

Vamos começar devagarzinho essa conversa. Diria que é mais uma conversa do que

uma palestra. Para a gente trazer alguns assuntos que são bons para a gente, refletir.

Quando surgiu esse interesse de colocarmos essa discussão sobre a questão “Da voz da consciência ou do cumprimento do dever”, foi porque eu tenho percebido nas leituras, no meu próprio afastamento de algumas perspectivas mais diretas, religiosas, tenho percebido o quanto há um cumprimento do dever, uma necessidade de cumprimento de dever, seja psicológica, seja de relação social, de pertencimento.

E essa necessidade faz com que as pessoas acabem, de alguma forma, repetindo, se condicionando, acho que é essa a palavra, e não percebendo as coisas como elas são, não que seja ruim, mas uma característica.

As pessoas que sentirem vontade de falar, aparece a opção de levantar a mão ou vocês digitem que a gente vai conversando.

Primeiro ponto: a voz da consciência foi trazida, por muitos autores, em várias religiões,

doutrinas, filosofias como sendo uma voz imanente que existe em todos os seres humanos. Ah, não vi muito a associação à questão dos animais e plantas, mas, principalmente nos humanos, capaz de discorrer em alguns caminhos, ou dizer o que é certo ou errado, etc. só que, nessa perspectiva, a gente acaba esquecendo de alguns fatores importantes, que são no campo da cultura, que são no campo do saber de outros que não sejam só religiosos, por exemplo, quando a gente fala, tem uma citação de Napoleão Bonaparte, que de 1769 até 1821 (todos sabem quem foi Napoleão Bonaparte, sim? Não precisa falar muito sobre isso da Revolução Francesa). E é uma citação dele que ele fala assim, “o homem superior”, já começa a colocar, um homem superior. Então tem superior e inferior, ele já criou uma divisão aí. O homem Superior é impassível por natureza, pouco se lhe dá que o elogiem ou censurem ele. Não ouve, se não a voz da própria consciência. Mas por que o Napoleão Bonaparte? Ele divide isso? Isso é um

contexto antigo. Não foi uma premissa de um pensador chamado de Spencer. É, mas é que trata sobre o evolucionismo social, é algo que estava imanente naquele pensamento, principalmente na Europa, neste século, que é o seguinte: Primeiro, que todos nós (isso é bem antigo, depois vai chegar mais tarde com Darwin). Primeira perspectiva é de que nós estamos evoluindo. Existe uma evolução natural, seja biológica, seja uma evolução social, para Spencer, mais tarde, ele vai dizer o seguinte, (eu estou trazendo algumas ideias, vocês por favor, depois pesquisem e vão mais a fundo. Até tratei disso na última aula) para Spencer existe, uma evolução social, ou seja, os mais fortes superiores, eles se adaptam melhor na sociedade. Então, quem são os superiores daquela época? Quem são os superiores, até o final do século 19? Quando vai chegar esse pensamento mais forte do Spenceriano? São aqueles que estão à frente, são os reis, são as rainhas, são os colonizadores, são aqueles que estão no poder. Logo, pessoas que são advindas

nesse pensamento, eu não concordo, mas um pensamento, pessoas advindas da África e que foram escravizadas, não seriam superiores, seriam inferiores. Superiores, seriam aqueles que conquistam aqueles que, e estou falando de conquistar nesse período pela guerra não é uma conquista psicológica, não é uma conquista pessoal, não é uma conquista de alto desenvolvimento, é uma conquista territorial, é uma conquista de poder é uma conquista de dinheiro, a conquista que a própria igreja católica estava envolvida e que os romanos, por muito tempo, utilizaram dessa ideia, para conquistar. Então, Napoleão Bonaparte coloca a voz da consciência aqui, como apenas dos seres superiores, entende? Eu que sou mais pretinho, eu que venho do Nordeste brasileiro, que venho da camada mais pobre, não teria a voz da consciência, segundo a opinião de Napoleão Bonaparte, então eu estou trazendo umas ideias para a gente poder começar a questionar sobre isso.

E, dentro dessa ideia, nós temos uma divisão muito legal, que é assim: O que seria essa voz da Consciência por essa perspectiva? Seria um controlador de regras, porque é um controlador de regras, porque ele vai estar o tempo todo dizendo para a gente, olha, isso é certo, isso é errado, isso pode, isso não pode, isso dá para ser, isso não dá para ser. E eu começo a questionar, onde é que entra a noção de livre-arbítrio, quando eu tenho uma voz que regula o que é certo ou errado? Então, se eu tenho algo que está dizendo para mim, o que é certo ou errado, primeiro me retira a possibilidade de, racionalmente, avaliar o que seja justo, claro, objetivo. Certo ou errado para aqueles costumes, regras e leis, e eu fico com o livre arbítrio, apenas limitado. Se eu escuto ou não uma voz da consciência, parece aqueles desenhinhos, onde tem um Anjinho bom e um Anjinho ruim, dizendo “faz isso”, “não faz isso”, né? “Vai para fast-food come comida industrializada”, “não, não come”.

Então, o ser deixa de ser o ser, para ser uma criatura ainda controlada por outras criaturas, capazes de influenciar o tempo inteiro que a gente deve ou não fazer. Nesse ponto de vista ainda, nós não temos responsabilidade, somos muito infantis, precisam de ter os tios da voz, da boa e da má consciência para dizer o que a gente deve ou não fazer.

Então, um funcionário de uma empresa age de uma forma ruim e prejudica a empresa. Não fui eu, foi a voz ruim da consciência. Que pode ser o demônio, pode ser obsessão, pode ser qualquer outra coisa que, historicamente e culturalmente, foi dando ideias para justificar esse conceito.

Gente, quando eu falo “voz da consciência”, quando eu falar de Deus, quando toda vez que eu falar alguma questão religiosa, eu não estou falando da experiência, eu estou falando do conceito. Se a experiência de voz de consciência para vocês é algo positivo, eu não estou falando dessa experiência, estou falando do

conceito histórico sobre voz da consciência. Isso é importante para a gente diferenciar. Dado esse primeiro momento de ideias, estou falando de um período entre 1700 início de 1800, do pensamento de Bonaparte, sobre isso.

Agora a gente traz um conceito muito importante que é, o conceito de Liberdade. E eu pergunto para vocês, vocês são livres? Podem responder.

Cristina – Em muitos momentos não somos livres, temos algumas coisas que nos limitam a ter toda a Liberdade. Em pensamento, podemos ter toda a Liberdade, não é? Mas na ação e naquilo que vamos falar, primeiramente por respeito a quem vamos falar. Depois a sociedade também nos limita naquilo que nós podemos dizer ou não, nessa Liberdade que nós temos até para fazer e mudar algumas coisas, nós limitamo-nos, no meu ver limitamo-nos.

Fernando – Que mais amores?

Andréa – Somos mais presos na sociedade que vivemos.

Fernando – Que mais? Vocês são livres?

Rosana – Levando em consideração esse pensamento de Bonaparte sempre há algo que nos impõe ideias pensamentos e regras.

Maritza – Eu sou livre.

Fernando – E quem mais?

Adriana Melo – Somos presos aos conceitos.

Fernando – Que mais, mais alguém?

Loeni – “Temos liberdade condicionada, é o nosso Livre arbítrio”.

Natácia – Todos somos livres, porém, dentro dos limites da sociedade que vivemos.

Fernando – Eu vou trazer algumas ideias para a gente questionar, essa noção de Liberdade pode? Muito bem.

Eu vou agora trazer umas ideias e se alguém escrever depois eu leio.

Todo mundo entende esse conceito de gravidade, né? A gente está num planeta e esse planeta, faz o sistema de rotação em torno de si mesmo. Faz um movimento de translação em torno da nossa estrela, do Sol, e que existe

também uma lei de gravidade, que se não fosse a gravidade, a gente dava um pulo e a gente saía por aí voando. Todo mundo concorda com isso, ou alguém discorda? Muito bem, então todo mundo concorda. Então se tem um conceito de gravidade, a gente não tem uma Liberdade física total. Porque a minha Liberdade física está condicionada a uma gravidade, ou seja, eu só posso correr, pular, andar, me movimentar nesse contexto, em função da gravidade. Faz sentido? Se faz sentido eu já começo a não ter Liberdade física, no momento em que eu estou olhando para vocês, pessoas muito lindas eu estou vendo aqui a Liane ela está arrumando a casa enquanto estuda. A Patrícia, muito Bela, sorrindo, tem esses dois senhores que poderiam evitar de se mostrarem que é o Patrick, e a Rafa que é muita beleza para uma imagem só, me incomoda (brincando amores). Tem aqui o Bruno, mas aparece uma Senhora linda! O Bruno e uma Senhora linda, na minha frente. Quem é essa Senhora linda Cristina?

Cristina – É a Cristininha é a mãe e o filho, são do GEFV aqui de Lisboa.

Fernando – Diria que são dois irmãos.

Cristina – É verdade.

Fernando – Jovens e lindos.

No momento que eu vejo vocês, meus amores, eu vejo com limite. Olha, se eu tirar os óculos até o Patrick fica feio. Eu boto os óculos e só vejo gente linda. Eu tenho um limite ao ver as coisas, então eu já não tenho, eu não posso dizer que eu tenho a liberdade de ver as coisas, como eu gostaria.

Eu tenho o limite de ouvir as coisas, talvez um cachorrinho possa ouvir muito melhor do que eu. Então nós temos limites físicos, que você começa a ver que a minha Liberdade é condicionada. Uma outra questão é a questão das leis humanas, que foram criadas para dar regras. Porque, por exemplo, se vocês quiserem sair pelados, na rua, poderão fazer isso? Não. Por mais que vocês queiram sair por uma questão de arte, saírem pelados, na rua, como um protesto,

mas há uma lei que vai dizer, olha, não pode, isso aí é atentado ao pudor. Vamos dar limite a isso, há regras, há limites, limites culturais, que, para alguns lugares, eu poderia estar casado com cinco mulheres, em outros lugares, eu só posso me casar com uma. Limites, onde uma relação, homoafetiva, tudo bem, para outros lugares, uma relação homoafetiva não está tudo bem, inclusive nem casar pode, legalmente.

Então você vê que há limites culturais, sociais, físico, pelas leis da natureza, então há muitos limites, impostos e tantos outros quanto eu pudesse lembrar. Isso já nos tira uma ideia de Liberdade total. Total já não é!!

Eu vou ler aqui.

Luís Fernando Arante – Somos livres para pensar, para sentir, para termos as nossas escolhas. Entretanto, nossa ação é limitada pelo impacto que pode causar ao nosso redor.

Fernando – Muito bem, além do impacto dos limites naturais.

Luís – Tem também os impactos nas outras pessoas.

Olha que interessante esse pensamento dele, é muito legal, é o que pode causar em outras pessoas. Isso já tem um outro conceito e esse é outro conceito que a gente vai ver mais à frente, que é um conceito sobre ética. E não sobre moral, tudo o que a gente está falando até o momento, na liberdade física, de leis e regras vai entrar um contexto que é uma voz da consciência numa lei moral, o que é lei moral? Vamos lá, se eu estiver dentro de um contexto religioso, por exemplo, evangélico, eu tenho uma moral, se estiver dentro do Espiritismo, tem uma moral, se estiver dentro da Umbanda, tem uma moral, se estiver dentro de, sei lá, uma relação de um grupo indígena ou de um grupo social, (porque eu tenho uma moral) essa moral é circunscrita àqueles pensadores ou àqueles que comungam aquelas ideias. Isso é moral são regras e leis fundantes, que estão interligadas com aquele determinado pensamento. A ética está além disso. Muitos vão se apropriar dizendo que são leis universais, mas eu tenho trazido um contraponto que nada pode

ser universal se ele não é natural e perceptível ou compreensível ou está disposto a todas as pessoas, se for universal só os meus interesses, não é universal. Então, é muita visão, apropriação de algo, eu vou dar algo que não é daquela religião, por exemplo. Vou trazer mais ideias para a gente desconstruir sobre isso. Todo mundo já ouviu falar de Frederic Nietch 1844-1900? Ele dizia o seguinte:

“Ainda não és livre, ainda procuras a liberdade”. Que é que ele quer dizer? Enquanto procuramos a Liberdade, nós não a percebemos, não a sentimos, então para nós essa liberdade não há.

Enquanto há a procura, é porque nós não a temos enquanto, há falta é porque não se tem. Então eu estou lá em casa sozinho, e há uma falta para comer doce eu não tenho, na hora que eu como doce eu me sacio, mas aí traz um pensamento que é muito legal, que me diz que é assim (ele não colocou, estou adicionando essa ideia) depois que a gente encontra essa suposta

Liberdade, a gente se sacia? Como comer chocolate? Ou a gente vai sentir falta para uma Liberdade, uma concepção de Liberdade ainda maior? E trago dois pensamentos legais do Epíteto, que faleceu em cento e trinta e cinco depois de Cristo, não têm registrado, pelo menos, eu não localizei a data de nascimento e Epiteto, que diz assim:

Primeira frase:

“A Liberdade é garantida não pela satisfação dos desejos, mas pela remoção deles.”

Para Epíteto, a Liberdade é quando você não está dependendo dos seus desejos. Então seria uma ideia de Liberdade para ele, ainda coloca outra ideia “para alcançar a Liberdade só há um caminho, o desprezo das coisas, que não dependem de nós”. Mais um conceito que você vê ali, no Hinduísmo, no budismo, em outras, perspectivas espiritualistas, aonde você se retira dessas necessidades sociais, você despreza tudo aquilo que tinha, uma coisa que te deixa preso, ligado na sociedade. Isso seria Liberdade para ele.

Mas Fernando, porque esse conceito de Liberdade interessa ao nosso assunto? Interessa porque se nós não entendemos ou discutirmos, debatemos ou problematizarmos o conceito de Liberdade, não vamos avaliar bem esse conceito de voz da consciência. Porque a voz da consciência, no seu conceito, retira a primazia da própria Liberdade, porque sempre vai ter algo dizendo o que é certo, o que é errado, poderia ser imanente como uma perspectiva ética ou não. Estou trazendo para a gente discutir.

Deixa eu ver se vocês colocaram mais alguma coisa, alguém quer falar mais alguma coisa até aqui para a gente seguir? Tudo bem até aqui. Posso problematizar mais? Hoje nós estamos com pessoas de Portugal, Japão. Todo mundo aqui. Pois bem, dado essa perspectiva bem simples sobre o conceito de liberdade, sobre alguns conceitos sobre a voz da consciência, eu queria trazer um conceito que eu acho que está muito presente, nessa perspectiva de voz de

consciência, que é o conceito de cumprimento do dever.

Todos nós tivemos alguém para nos criar e educar, pais diretos ou não, biológicos ou não, e muitos de nós temos filhos. O que é essa relação da educação com o filho? Não é ensinar um cumprimento de dever, por mais liberais que sejam os pais, a gente não tem que dar um limite nessa criação? A gente não recebeu um limite, não coloca o dedo na tomada que leva choque, não puxe o rabo do cachorro, não é para bater no passarinho que está preso. Eu ainda ouvia conselhos, muito mais duros que vocês, não é para jogar sal grosso nesse sapo grande, como eu fazia quando era criança. Isso é horrível, nunca faça.

Rosana – “Cumprimento do dever já é o contrário da Liberdade”.

Fernando – Então a gente vai aprendendo a cumprir um dever para sobreviver, independente do dever social. Para sobreviver, se alimente não coma tanta bobagem, se vista se cubra no frio, se

proteja, escove o dente, lave bem direitinho as partes do sovaquinho. A gente vai aprendendo a cumprir funções que vão nos manter mais tempo seguros, na vida fora os deveres sociais, não ande com quem (eu ouvia muito isso nessa forma da minha avó), não ande com quem não presta. Olha sua companhia, diga com quem andas que eu te direi quem és. E aí essas coisas que eu vi de vovó muito, quer dizer, eu estou recebendo desde criança um roteiro de bom viver.

E essas regras vão me condicionando, né? Não faça isso, não faça aquilo que tem muitas regras que elas são importantíssimas para o resto da vida, ou outras, nós vamos retirando que já não me servem mais. Exemplo, durma às nove da noite para você dormir bem a noite toda. Aí você vai crescendo e, às vezes, você tem que trabalhar de madrugada, então tem regras que você vai começando a burlar para se condicionar a sua realidade no seu contexto atual. Dito isso, eu vou trazer duas perspectivas científicas, para a gente

problematizar esse conceito de cumprimento de dever.

Deixa eu ler aqui a mensagem da Cristina:

Cristina – As pessoas que têm a noção do cumprimento de dever, estão de bem com a sua própria consciência?

Então vamos ver mais. Primeiro é o condicionamento clássico, vocês já ouviram falar de Ivan Pavlov 1849 – 1936, já ouviram falar deste senhor e do condicionamento clássico? Uns sim, outros não. Para os que não conhecem a ideia bem simples do que ele faz é assim. Ele fez um experimento com animais, mais especificamente, vou trazer o caso com o cachorro, ele condiciona o cachorro ao seguinte. Ele vai pegar uma carne, vai colocar a carne e aí, claro que ele está fazendo muito em relação à questão da saliva, da salivação, mas numa análise mais neurobiológica. Mas o que ele quer dizer é o seguinte, que tem a carne lá e o cachorro está com vontade, é um condicionamento, e aí o cachorro vê a carne, começa a ter o desejo de ter a carne,

que é que ele faz. Ele coloca um outro elemento, ele pega um sininho. Toda vez que ele toca esse sino o cachorro saliva para poder ter e comer a carne. Com o tempo, basta o tocar do sino, independente da carne, aquele cachorro já está salivando, ele está condicionando o animal. Esse condicionamento clássico ele foi usado em muitas outras experimentações comportamentais, ao longo dos anos e do tempo, mas isso é importante, porque o que é que Pavlov quer dizer com isso? Que existe a possibilidade de você condicionar os animais, e esse condicionamento também pode ser feito nos humanos. Você repete, repete, repete, de tanto repetir uma maioria das pessoas já não vai mais questionar se aquilo é bom ou é ruim, se é certo ou errado ela vai cumprir aquele condicionamento. Ela não questiona mais.

Alguém pode dar um exemplo de um condicionamento que a gente vive, as pessoas vivem de tanto ouvirem, elas já fazem e nem

percebem, alguém poderia dar um exemplo, por favor?

Rosana – Estímulo e condicionamento. Ontem, vi um documentário sobre gatos que citava isso.

Fernando – Trabalhar todo dia, o que mais?

Por exemplo, quantas pessoas aqui vai dormir e diz, meu Deus, esqueci de escovar os dentes!! Eu vou me levantar agora para escovar. A gente se condiciona. Meu Deus, eu não tomei café, como um café é viciante você sente aquela dorzinha de cabeça. E já é o café. E aí vai lá, é um condicionamento. Que mais de condicionamento? Eu vou dar um exemplo de condicionamento, para a gente depois partir para uma ideia de um outro pensador que é o Gustave Le Bon. O que é que acontece muitas vezes na mídia, a mídia pega alguém que está sendo investigado, eu vou dar um exemplo, amores como é que o sistema judiciário funciona na maior parte dos países? Como eles não têm como avaliar todos os comportamentos individuais, são feitas denúncias, das próprias pessoas da

população. Pode chegar e dizer assim: “a Maria Isabel está traficando maconha”, aí a vizinha da Maria Isabel falou isso a Polícia, vai lá, vai investigar”. Ela fez algo errado? Não, alguém denunciou. Aí vem a mídia e faz assim, Maria Isabel foi denunciada ou está comercializando maconha? Não. Alguém falou algum mal, mas nós estamos tão condicionados a acreditar naquilo que os jornalistas falam que, ao ouvir já fala, “Meu Deus, ela é tão boazinha, como ela poderia fazer aquilo?”

Então, nós já nos condicionamos a acreditar, que o investigado seja condenado, isso é um condicionamento. Estou a dar um exemplo, é claro que não é real o que eu estou falando estou criando uma retórica, um aumento para dizer assim como a gente é condicionado por uma coisa que a gente vê todos os dias, a gente vê algo na internet, muitos de nós e já acredita, já vira o monstro do Lago Ness, wow!!! Ah, a terra ela não é redonda ela é plana tem um buraco no meio da

Terra, wow!!!! A gente acredita em tudo e não questiona.

Delma – Entrar em filas para atendimento.

Fernando – É um condicionamento, “levantando a noite para ver se meu pai está coberto” – é condicionamento.

“Preparar a roupa antes do banho”. É condicionamento.

Fátima – Há um julgamento sem comprovações e condiciona a fazer isso.

Cristina – Toda hora temos esse condicionamento, mesmo nas redes sociais.

Então eu estou dando alguns exemplos, mas as pessoas estão colocando, vamos ver.

Natácia – Normalmente, aquelas notícias com títulos bombásticos, as pessoas nem abrem, a matéria, já tomam como verdade.

As músicas, isso que o Luís falou, tem uma coisa muito interessante. As músicas elas criam um condicionamento muito poderoso, tanto que Ivan Pavlov utilizou um sino, ele poderia utilizar qualquer outro estímulo, mas

utilizou um som, algo assim, a imagem e o som. Exemplo, aqueles computadores que abrem fazem um som, a gente já sabe qual é a marca daquele negócio, não é assim?!

Então a gente se condiciona e muitas empresas do marketing utilizam isso, elas utilizam sons para que você sinta o desejo de comprar, lembrete etc. Não estou lembrando, qual o nome que dá isso em marketing, mas é isso.

Deixa ver o que a Cristina escreveu.

Cristina: Ouvirmos uma música que gostamos ou não e já nos condiciona para o resto do dia. Tanto que, por exemplo, até na memória, um condicionamento. Eu escuto Roberto Carlos algumas músicas, lembra, sei lá, da minha mãe imediatamente. Minha mãe não ouvia Roberto Carlos. Eu me lembro que quando eu ouvia era um horário que ela estava em casa. Então, esses condicionamentos que nós temos, somos condicionados, não vou dizer que nós somos completamente sugestionados, mas nós somos condicionados, mas, nessa ideia de sugestão, vai

vir um cara trazer um pensamento esse cara é o Gustave Le Bon Francês, Antropólogo, que viveu entre 1841-1931, e ele deu uma ideia que se vai chamar Psicologia das Multidões, mas que eu vou trazer aqui como uma perspectiva de condicionamento das multidões. O que é que ele diz sobre isso? Ele diz o seguinte:

Que as multidões se condicionam a uma determinada perspectiva. Como? Eles se condicionam com ideias repetitivas normalmente míticas, que vão ser repetidas a tal ponto que as multidões acreditam naquelas ideias. Eu falei antes sobre o Spencer, só para lembrar o nome dele é Herbert Spencer, de 1820-1903. Que fala sobre Darwinismo social. Então, só para a gente poder ambientar nessa época do Le Bon, nós temos o Freud no início do século XX, mas temos também o Pierre Jane, que vai falar sobre o que ele traz, que ele chama de inconsciente, que não tem a ver com o conceito de Freud, é um inconsciente assim das massas, das multidões ele vai dizer que a repetição das ideias colocadas faz

com que as multidões sigam aquilo, acreditem naquilo.

E em regra, elegem um líder para elas, exemplo eu posso estar falando uma bobagem, mas vou trazer como exemplo, por favor, debatam e quando houver o registro ou a publicação deste estudo, as pessoas também possam colaborar. Adolf Hitler, vamos colocar aí como um homem muito mau, manipulador e que criou toda a desordem na questão do que houve na guerra. Será que ele foi o único ponto que promoveu em milhares de pessoas, isso ou se não existia já uma ideia, uma ideia de achar que era superior? Achar que povos que estavam migrando eram inferiores, principalmente de outras religiões, de outros credos, de outras ideias de cor de pele diferente. E será que já não tinha uma ideia a ser inculcada naquilo, até no partido que ele participava. E aí, quando ele entra no partido, diz, eu quero fazer isso. Já existia aquela ideia nas massas, na multidão. E aí fala, opa, esse cara aqui ele pensa igual a gente, vamos botar isso

para desenvolver. E aí aquelas ideias se transformam em força.

Para Le Bon (não estou dizendo que é certo ou errado) sozinho, cada pessoa não teria força, mas juntos eles poderiam ser tanto tiranos como Santos. Então, essas multidões juntas poderiam fazer massacres terríveis, como os que houveram nos campos de concentração. Eu, particularmente, sempre tive um interesse, (acho que eu não vou conseguir, infelizmente, pela realidade) mas um grande sonho meu, é estudar o meu doutorado na Polônia, porque eu tenho um grande interesse em psicologia social para famílias que sobreviveram de Aushwitz., então, eu tinha muito interesse na psicologia social para compreender o resultado desse massacre, dessa maldade. A realidade não vai me permitir, mas não sei se no futuro em um estágio de pós-doutorado, eu não sei, mas é um interesse meu, muito grande. Eu tenho uma identificação muito grande com a Polônia, nesse sentido, não com a perspectiva ultraconservadora não, mas, com a

perspectiva do sofrimento, e da busca de crescimento, eu me identifico muito, mas o que eu quero viver nessa ideia de Le Bon, é que se adaptado ao que aconteceu, aquelas multidões realizaram verdadeiros massacres por essa ideia da multidão, mas se por algum motivo o Reich mudasse de opinião, elas deixariam de seguir o Hitler e seguiria uma ideia. Não é assim que acontece com os políticos hoje?! Nós temos uma ideia, aí vem um político e faz, eu tomo essa ideia aí todo mundo vai apoiá-lo, se ele mudar um pouquinho de ideia, dos conceitos já não serve, aquele outro já pensa melhor. Aquele outro ali já nos defende melhor. Eu diria mais muitas vezes as multidões ou as classes interessadas podem até escolher um determinado político para realizar algo e quando faz algo e é ruim, elas vão dizer não foi culpa minha, foi do político, mas ela estava inserida na decisão. Então há um outro conceito de condicionamento de multidões.

Rosana – Ele conseguiu ser líder, porque ele tinha pessoas que coadunavam com as suas ideias.

Luís Fernando – Uma mentira repetida mil vezes, torna-se verdade. Joseph Goebbels

Iara – Procuramos iguais para seguir.

Fernando – Todo mundo é assim? Não, isso é uma ideia, são teorias, mas teorias que fazem muito sentido, dependendo do olhar que a gente está mirando, que a gente está focando. Então, nesse conceito de Le Bon tem, mas ele diz que há um senso de autoridade, tentativa de poder, irritabilidade das multidões, sugestionabilidade, credulidade das multidões. Há um exagero, um simbolismo, quer dizer observem, que nesses grandes movimentos de multidões sempre há um símbolo. Esse símbolo, como tem o do somido do som, tem também um símbolo, a imagem que representa essas multidões que no caso do Hitler, a Suástica. E pode ter apresentação da Cruz, para os cristãos.

Olha aqui, que legal o que o Luís falou é bom colocar isso, para as pessoas que forem ler, estudar, pesquisar e muito obrigado, que é o ministro da propaganda nazista, não sabia, isso é bom. As guerras são pura propaganda e pura imersão de mitos e ideias psicológicas. Associando a grandes guerras, aquele grande atirador que vai vir, matou tantos e vai propagando, colocando na rádio jornais, foto, criam mitos e muitas guerras que não são realizadas ou param por conta desse medo. A Guerra Fria, o medo de bomba atômica, o medo que coisas ocorram, isso também funciona muito. Muito bem, mas há uma característica interessante que o Le Bon vai passar para concluir essa parte, que é sobre a questão que ele chama de condutores, quem levam essas ideias. Que esses condutores não são grandes inteligentes, esses condutores na realidade eles estão de alguma forma hipnotizados pela ideia, junto com a multidão estão representando apenas. E precisam se afirmar repetir para gerar a coisa mais

importante nessa influência que é o contágio, vai contagiar as pessoas para que elas realizem aquilo. Assim eu volto à questão da mídia, assim eu volto a todas as ideias se uma ideia não confirma, eu posso dar um exemplo:

Uma vez fui à igreja evangélica, o pastor falou, os Exus são coisas do demônio, Pomba Gira são coisas do demônio. Eu estou vendendo o inimigo comum, quando eu vendo um inimigo comum, as pessoas ficam com raiva dessa figura, eu dou também uma solução comum, mas Jesus vai te proteger desses demônios. Então eu criei uma ideia de mal e estou dando uma solução para isso. Quando também que já vi em casa, estou falando da religião já vi dentro de uma casa espírita falando isso, mas aquele tal médium não estuda, é da Umbanda, é do Candomblé, ele não estuda o espiritismo, logo está suscetível ao erro, então ele criou um mal comum fora da religião, eu dou um bem comum. Qual é o bem comum? Se estudar esta doutrina, religião que você está protegido, então isso é algo que acontece com os

seres humanos, eu não falo da experiência, eu falo do conceito. Dentro dessa perspectiva para não me alongar muito a ideia e quero poder me pronunciar em algumas considerações finais, o que eu quero trazer nessa parte, do cumprimento do dever é, vocês acham consciente e inconscientemente que nós cumprimos muitos deveres? Somos cumpridores de deveres? Sim ou não?

Rosana – Sim. Desde a hora em que acordamos.

Adriane Melo – Sim.

Daniela Burigato – Sim.

Maritza – Sim.

Iara – Somos.

Cristina – Alguns, não consigo cumprir todos.

É assim, as pessoas estão colocando a sua perspectiva, eu acho que esse pouco eu poderia falar muito mais, mas eu acho que para muitas pessoas isso já é muita informação para digerir rapidamente. Então assim, o que eu quero passar é o nosso conceito de Liberdade e o nosso conceito de cumprimento de dever, pode não

estar atualizado, pode não estar claro, logo a gente vai cumprindo. Muitos casamentos acontecem, eu cumpro um dever moral de uma religião, de que tenho que permanecer casado até o final dos tempos, até que a morte separe e tal e não existe mais amor homem e mulher não existe mais, não digo nem de desejo, não existe mais são irmãos e uns gostam de ser irmãos muito que bem, outros não. Mas precisa cumprir um dever, não por eles, pelo dever pela sociedade e não porque as coisas poderiam ser melhores, não é? Eu vejo idosos velhinhos, às vezes em abrigos que visito, que com setenta, oitenta anos, têm uma namorada lá dentro, não que namora de fato, mas há um despertar de amor, há um despertar de vantagem, de vontade de estar com alguém, de ter uma companhia e quer dizer se tiver algum vínculo estabelecido social da religião, é possível que se viva isso.

Então estou dando um exemplo claro, cada caso é um caso, mas eu estou dando um exemplo. Então, a ideia de liberdade, e

cumprimento de dever, mexem com a forma de como a gente, lida com o nosso conceito de Livre Arbítrio. E, para finalizar com Le Bon, para trazer um conceito da Fátima, para a gente discutir, ele diz que tem uma coisa muito poderosa nisso tudo, que estimula as pessoas para esse condicionamento, no caso das multidões, é o prestígio. Não interessa se aquela informação que eu estou dando é boa ou ruim contando que eu tenha um prestígio sobre isso. Isso acontece muito, não acontece?! Não interessa, eu vou falar mal do vizinho eu não sei se é verdade ou mentira, mas na hora que eu falo as pessoas me escutam, tenho o prestígio das pessoas ao me ouvirem, então esse prestígio dá uma alavanca uma mola propulsora para o que se consegue na própria ideia de condicionado.

Eu trago uma coisa que não é uma ideia minha, é uma ideia do Dr. Emílio Milio Lopes, que faleceu em 1964 no Brasil, mas nasceu em Cuba e viveu na Espanha, saiu de Espanha em 1939 por causa do Franquismo, que era aquela

briga que teve ali. A guerra que houve, que deu início, depois a própria guerra que viria. A Segunda Guerra Mundial, mas ele saiu porque ele não coadunava com o Franquismo, mas ele teve ideias muito interessantes. Uma delas é dizer que o que nas religiões chamam de voz da consciência, Freud de 1856-1939 vai chamar de superego. Para Freud, tem um inconsciente que é o ID, que é o desejo, tem um superego que diz o que você deve fazer ou não são as regras e o que sobra é o ego, é o que você é. Então esse conceito está aí em vários outros autores.

A Fátima tem uma frase de uma mensagem que eu recebi dela, ela nunca foi publicada. É porque tem uma coisa importante que eu queria passar, já estou nos momentos finais, não pretendo passar mais que uns quinze minutos aqui, só para a gente, entre opinião de vocês, todos, só para concluir umas ideias. Quando a Fátima começa a trazer os Livros em 2015, ela aproveita da minha perspectiva ainda, da doutrina espírita, do meu olhar da doutrina

espírita, porque eu era, passei muitos anos envolvido, aproveitou esse pensamento para dar um verniz, um verniz com uma imagem, uma roupagem, para facilitar algumas dessas roupagens, a palavra Deus, a ideia de Deus a própria ideia de voz de consciência, tudo isso é uma maneira para facilitar o conhecimento. Com o tempo, do meu próprio desenvolvimento pessoal, cultural, intelectual e longe de algumas perspectivas, ela foi trazendo alguns elementos novos e esses elementos novos começaram a ser registrados nas mensagens.

Como o livro “As mães de Fátima” muita gente tem lido, falado comigo e disse eu achava que era outra coisa. As ideias são tão mais fortes. Eu vou dar uma ideia, antes de eu ler essa mensagem. Há muito tempo a Fátima e a Sofia, em mensagens, estão falando isso, que quanto mais é desenvolvida a consciência, o espírito for, mais veloz são essas moléculas, vamos dizer assim, ou essa tessitura espiritual, mais lento, vai ficando aquilo que está em volta, porque a

mentalidade deles vai aumentando. É uma percepção minha em transe e eles vão falando. Atualmente, a ciência chega à seguinte conclusão de que quando você chega na velocidade da luz, o espaço para. A percepção de espaço para. Porque a velocidade, só que ele faz uma velocidade de um corpo em movimento. O que a Fátima e a Sofia propõem, que eu não sei se é novo ou não, cabe a vocês, como pesquisadores, irem atrás, é que há uma velocidade de frequência. Frequência de vibração, frequência vibratória na tessitura desse ser espiritual que faz com que ele já tenha uma percepção que o tempo e o espaço estão sendo alterados. Então, isso é uma coisa para gente, se questionar. Porque isso não está preso, nos conceitos atuais. Os conceitos atuais espirituais estão muito mais ligados a uma ideia de moral, cumprimento do dever e não de liberdade do que seria essa consciência. A frase de Fátima é assim:

Através da história e de quem a contou, a voz da consciência foi referência de várias

interpretações e serviu como respaldo de muitas tiranias religiosas. Acredito que se buscamos uma bússola segura para um bom viver, a ética segue sem dúvida com a melhor das opções.

Então é só para diferenciar, ética é o que a gente faria sem ninguém ver, sem ninguém saber e em qualquer ocasião. E moral é aquilo que a gente faz em regra de uma determinada cultura, crença, então para Fátima essa ética está além da moral. O que vocês acham? O que vocês pensam ou opinião dos senhores das senhoras? Por favor um de cada vez.

Luís – Essa questão de ética e de moral, você citou muito bem, que ética a gente faz quando está sozinho, quando ninguém nos vê. A moral é um conjunto de costumes, onde cada sociedade e cada grupo pode ter o seu. O que é moral para um, pode não ser moral para outro, você citou a parte do casamento monogâmico, do casamento poligâmico em diferentes povos. Isso é uma moral ou um costume. A ética é uma conduta, eu acho que ultrapassa qualquer tipo de sociedade é

uma coisa mais universal. Uma atitude que eu tenho, uma conduta que eu tenho, que eu sei que não vai de maneira nenhuma ferir qualquer tipo de regra, qualquer tipo de situação ou principalmente causar impacto em qualquer outra pessoa, eu penso mais ou menos assim a diferença entre ética e moral. Nos leva nos convoca a seguir a Ética, como um norte a ser seguido, porque é uma coisa que transcende a qualquer grupo e pode caber em qualquer situação.

Fernando – Muito bom, muito bom!

Cristina – O dever moral, com a Filosofia de Fátima tenho melhorado muito.

Fernando – Mas aí é nesse caso, Cristina, você fala dever moral, mas como talvez um costume de linguagem. Que, como falou o Luís está mais no campo da ética, no sentido de é uma conduta sua. Você tem essa conduta ética, mas a gente se acostumou a ouvir isso do Cristianismo, em várias partes, assim como eu estou cumprindo um dever moral, mas muitas vezes é uma

conduta. É uma coisa que você vai fazer independentemente daquele grupo.

Rosana – Esse prestígio tem a ver com o ego.

Veja, existem duas perspectivas de ego. Ego como uma coisa egóica narcisista e ego na perspectiva de Freud, ego é eu, sou eu. Ego é o isso que está sendo manifestado agora. Então, no contexto de narcisista sim, é possível, no contexto, talvez de Freud é o outro. Vou ler aqui a frase de Fátima.

Fátima está trazendo novas perspectivas na realidade, elas não são nem novas, é interessante a gente pensar isso, porque a Fátima me diz assim, olha isso que eu estou falando que a Fátima diz nas mensagens, isso que eu estou falando não é novo. Isso já existe desde que tempo é tempo, só que as pessoas foram se organizando de um jeito, se condicionando e aquilo que era dito não foi mais replicado. Mas ela está trazendo de novo, uma perspectiva para mexer com a gente.

Ser ético está muito acima da moral, diz a Fátima.

Cristina – Agora entendi ética e moral a diferença, ética está intrínseco, em nós.

Vou ler a mensagem novamente de Fátima. E as pessoas se quiserem comentar comentem, e a gente vai seguindo as considerações finais.

A frase de Fátima é assim:

Através da história e de quem a contou, a voz da consciência foi referência de várias interpretações e serviu como respaldo de muitas tiranias religiosas. Acredito, se buscarmos uma bússola segura para um bom viver, a ética segue, sem dúvida, como a melhor das opções. Fátima.

Olha melhor das opções, tem outras, mas quais?

Então, com esse bom viver está circunscrito com que a gente conhece nesta vida, já que a maioria de nós é reencarnacionista, ou também outras. Então são coisas que a gente precisa pensar gente, questionar, pensar não é ser

contra a pessoa, as ideias, a gente precisa fazer isso para desenvolver. Se não concordar com o meu pensamento, tudo bem, a gente precisa, é problematizar isso.

Natácia – Achei maravilhoso ter a conduta ética em primeiro lugar e não só seguir as coisas como motivo de religião, por exemplo.

Jandira – Para mim, faz sentido que a ética não depende do grupo, sociedade, religião.

Liane – Ética é universal, fazer o que é certo, porque é o certo a se fazer. Moral se molda de acordo com os costumes de grupos sociais, fazer o que é certo, porque no grupo impõe.

Rosana – Sempre vai ser ligado a preconceções e ideias. É preciso achar essa bússola.

Agora eu, como eu gosto de mexer, eu vou terminar o nosso estudo mexendo mais com a cabeça de vocês, que eu acho que certeza é uma coisa muito temporária. Como a verdade, verdade é uma coisa muito temporária, achar que nós temos uma verdade absoluta dos fatos é se

limitar, e não querer buscar mais coisas, talvez. Mesmo que seja verdade.

Muito bem, não precisam responder, eu vou deixar para vocês pensar. Vamos supor que eu seja o companheiro ou a companheira dos senhores e das senhoras e estou com os meus setenta e poucos anos, sofri um acidente, estou apenas vivendo por aparelhos, eu não tenho mais vida, no que se concebe ao campo biológico, só estou sendo mantido por aparelhos. Pela ética, pela consciência, vocês me deixam ligado ao aparelho ou vocês retiram?

O que é que vocês têm de ideias que é crença baseada em moral, ou vocês têm nesse conceito, de me deixar livre, de me deixar preso ou é livre para vocês, preso para vocês. Primeiro pensamento.

Segundo pensamento. Fomos acostumados a uma ideia assim, observem que nós, romanceamos a própria ideia do erro. Eu vou dar um exemplo:

Robin Hood, o que é o Robin Hood? Robin Hood é um mito, uma figura, assim que é dentro de uma sociedade que estava retirando dos pobres e cada vez mais autoritária e prejudicando as pessoas, Robin Hood tira dos ricos e dá para os pobres. Quando a gente olha por esse contexto, eu não estou concordando ou discordando, Robin Hood é legal. Robin Hood está ajudando as pessoas que precisam, mas ele é ladrão. Ele mata pessoas também, mas os fins justificam os meios, nesta perspectiva. Agora, olhando para hoje, para a nossa realidade, será que justifica roubar para alimentar pessoas? Será que justifica ter que matar ou impor suas ideias para fazer, para conseguir um determinado objetivo, será? O que é que é ético, o que é moral? Dá para se olhar pelo contexto de quem sofre, ou dá para olhar pelo daquele que está executando o ato? Eu queria que vocês pensassem sobre isso.

Outra coisa para mexer mais ainda, o que eu quero fazer com isso? É para mexer, porque, às vezes, a gente está tão presa na nossa bolha,

que a gente não escuta mais as ideias. A gente é outra coisa, tem um contexto muito interessante, eu tenho percebido isso quando realizo algumas publicações pela filosofia de Fátima. Se bate com alguma ideia que está já arraigada condicionada, repetida “é real” na mente daquela pessoa, se aquilo mexe com essa” verdade”, a pessoa fica doidinha da vida, porque se mexe com aquilo que para ela já é o certo, está mexendo com sua própria ideia de existência. Está mexendo com o que ela acredita, não pode mexer com o que ela acredita. Então a filosofia de Fátima já é diferente, respeita a crença de todas as pessoas, mas possibilita os seus estudantes, possibilita esse ensejo de questionar, de avaliar, de ver outras possibilidades de abrir a mente.

Um outro conceito, por exemplo, é o conceito do Karma no que se diz respeito a ter que cumprir um dever de sofrimento, acho que para alguns casos é uma crença minha, isso é bem verdade, a gente mesmo fez um mal eu quero poder voltar e passar por alguma situação que eu

aprenda com isso, mas achar que todas as pessoas vão passar por isso não, também avaliar com crivo da lógica que existem outras possibilidades. Então no campo do Karma no campo do Dharma o que é ético e o que é cumprimento do dever?

E por último e para não passar muito tempo dos senhores neste domingo, obrigado por estarem aqui, é legal a gente estar aqui. E trago mais um pensamento para a gente se questionar: a vida de vocês, até ao momento, ela foi pautada no cumprimento do dever, ou vocês tiveram realmente a possibilidade de escolher dentro dos limites, para pautar uma vida mais livre?

Porque muitas vezes a gente se sente feliz, como eu pude terminar o meu dia, ah, já posso dormir, mas tem tanta coisa que a gente poderia fazer mais.

Discurso político neste período eleitoral ninguém está falando dos moradores de rua, ninguém está falando das pessoas que realmente precisam. São sempre ideias que mitigam, e

trazem essa politização da briga do desconforto do que o outro pensa. Do que é ético mesmo, às vezes, não é discutido.

Vou ficar por aqui, acho que hoje deu para gente pensar muito a respeito, quero trazer daqui a um mês ou dois mais pensamentos e quero poder reencontrar vocês presencialmente.

O que é a Filosofia de Fátima?

A Filosofia de Fátima é uma filosofia de vida com base ecumênica e que se divide em dois pilares a saber:

- O estudo da filosofia;
- A prática de ações sociais.

A Filosofia de Fátima se originou na fundação do Instituto do Estudo da Filosofia de Fátima em junho de 2019. Sendo considerada, a primeira filosofia religiosa fundada na cidade do Rio de Janeiro.

A sede do Instituto, conhecida como a Casa de Fátima, realiza inúmeras ações sociais no bairro de Sepetiba na cidade do Rio de Janeiro.

www.casadefatima.org

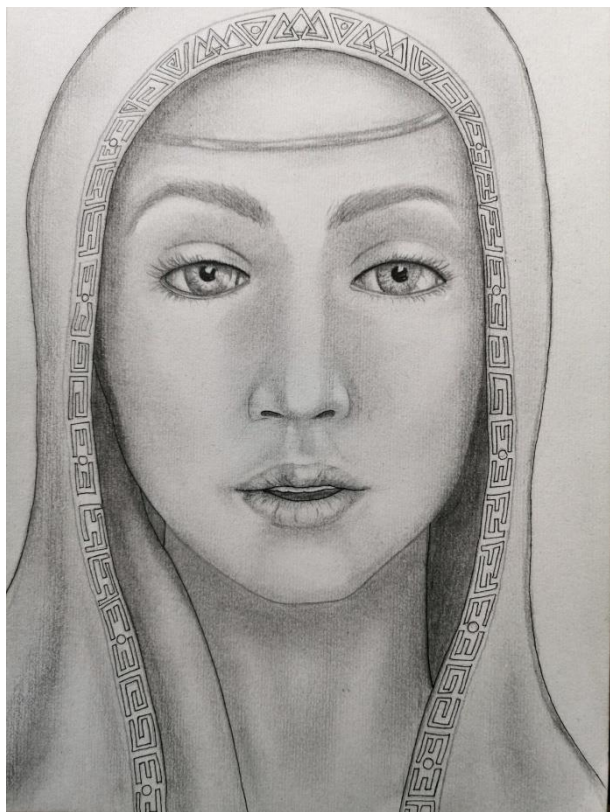
*Quem é o fundador da Filosofia de
Fátima?*

O fundador da Filosofia de Fátima é Fernando Ben, psicólogo, pós-graduado em Saúde Pública, mestrando em Psicologia Social pesquisador científico do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Aprimoramento Humano.

A fundação desta filosofia de vida baseia-se em seu campo de fé e tem como foco, o respeito entre as religiões e ao amor ao próximo.

Com esta obra, Fernando Ben doa 29 livros publicados para a Casa de Fátima. Todas as obras podem ser baixadas gratuitamente no link:

www.casadefatima.org/livros



Desenho de Fátima por: Luís Pedro de Castro – aka
Strangelfreak

Esta obra faz parte do acervo do Instituto do Estudo da Filosofia de Fátima – Casa de Fátima IEEF, cedido gentilmente pelo psicólogo e fundador da casa Fernando Bem, de forma gratuita.

Este livro não pode ser vendido de nenhuma forma e nem publicado em outro local sem autorização, sob **LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.**